

Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra

Georgina Bond Backup
Organização

Libretos

Porto Alegre, 2010

2ª edição



Autores

Georgina Bond-Buckup

Ludwig Buckup

Cláudia Dreier

FLORA

Ilsi Iob Boldrini (coord.)

Hilda Maria Longhi Wagner

Lilian Eggers

INVERTEBRADOS AQUÁTICOS

Adriano S. Melo (coord.)

Georgina Bond-Buckup

Ludwig Buckup

Daniela da Silva Castiglioni

Alessandra Angélica de Pádua Bueno

ÁRTROPODOS TERRESTRES

Jocélia Grazia (coord.)

Helena Piccoli Romanowski

Paula Beatriz de Araújo

Cristiano Feldens Schwertner

Cristiano Agra Iserhard

Luciano de Azevedo Moura

Viviane G. Ferro

PEIXES

Luiz Roberto Malabarba (coord.)

Juan Andres Anza

Cristina Luísa Conceição de Oliveira

RÉPTEIS

Laura Verrastro (coord.)

Martin Schossler

ANFÍBIOS

Patrick Colombo (coord.)

Caroline Zank

AVES

Carla Suertegaray Fontana (coord.)

Márcio Reppenning

Cristiano Eidt Rovedder

Mariana Lopes Gonçalves

MAMÍFEROS

Thales O. de Freitas (coord.)

José Francisco Bonini Stolz

Edição Geral

Georgina Bond-Buckup

Adaptação de texto

Cláudia Dreier

Design Gráfico/Editoração

Cláudia Dreier

Capas

Cló Barcellos

Foto de capa

Ludwig Buckup (São José dos Ausentes)

Ilustrações

Vivian Dall Alba

Tratamento de fotos

Carina Prina Carlan

Image Design

Cartografia

Heinrich Hasenack (coord.)

Lúcio Mauro de Lima Lucatelli

B615 Biodiversidade dos campos de Cima da Serra/
2ª. ed. organização de Georgina Bond-Buckup. --
Porto Alegre : Libretos, 2010.
196 p. : il.

1. Biodiversidade 2. Cima da Serra I. Título

ISBN 978-85-88412-17-0
CDU 502.7

Ficha catalográfica elaborada por Rosalia Pomar Camargo
CRB 856/10

Libretos

Rua Pery Machado 222B/707 – Bairro Menino Deus

Cep 90130-130 – Porto Alegre/RS

www.libretos.com.br

libretos@terra.com.br

**Projeto Biodiversidade dos Campos de Cima da Serra,
RS e SC: popularizando o conhecimento**

Financiamento: MCT/CNPq

Participantes: UFRGS – PUCRS – IGRÉ

Contatos: UFRGS, Instituto de Biociências

Av. Bento Gonçalves, 9500, Campus do Vale,

prédio 43435, salas 214/217 – Cep 91501-970

Porto Alegre/RS

E-mail: ccs.biodiversidade@yahoo.com.br

4.1 Flora

A flora de uma região é constituída por espécies que pertencem a diferentes grupos vegetais. Entre estes, encontram-se os **fungos**, as **briófitas**, as **pteridófitas**, as **gimnospermas** e as **angiospermas**.

Os fungos são organismos sem **clorofila** que foram, por muito tempo, agrupados entre as plantas, porém eles não têm nenhum parentesco evolutivo com as mesmas. Atualmente, os fungos fazem parte do Reino Fungi e as plantas, do Reino Plantae. As plantas verdes apresentam clorofila nas suas células, o que as capacita a elaborar seu próprio alimento a partir do gás carbônico, retirado do ar, e da água, disponível no solo.

Os primeiros registros de vida vegetal estão ligados aos mares, há cerca de 500 milhões de anos, no final do período geológico Pré-Cambriano. O grupo das algas verdes é considerado o ancestral que deu origem às primeiras plantas terrestres.¹ Para a conquista do ambiente terrestre, as plantas desenvolveram adaptações, como o sistema de condução de alimentos, chamado sistema vascular, o sistema de sustentação, composto por **lignina**, e uma cobertura com cutina, a **cutícula**, que protege as plantas de ressecamento.

As plantas verdes vasculares do grupo das Pteridófitas aparecem freqüentemente nos registros fósseis do período Carbonífero, há cerca de 300 milhões de anos atrás, co-existindo com as gimnospermas. Nessa época, as pteridófitas eram **arborescentes**, tinham de 10 a 35 m de altura, com aspecto semelhante ao xaxim atual. Elas eram muito abundantes nas áreas pantanosas, onde se formaram os grandes depósitos de carvão.²

Pteridófitas são plantas que não formam flores, frutos e sementes. Elas reproduzem-se por meio de **esporos**, formados em **esporângios** localizados na face inferior das folhas ou em folhas especiais. As gimnospermas são plantas que formam sementes, porém estas sementes são nuas, isto é, não estão envolvidas por um fruto. Elas começaram a aparecer nos registros fósseis há cerca de 365 milhões de anos, no período Devoniano, participando da formação de florestas em áreas mais secas. Após este período e, aos poucos, as gimnospermas foram sendo substituídas pelas angiospermas.

O grupo mais diversificado

O fruto envolvendo as sementes foi um avanço evolutivo que caracterizou o aparecimento das angiospermas. Registros fósseis de angiospermas são abundantes especialmente no período Cretáceo, há cerca de 114 milhões de anos. No entanto, acredita-se que elas tenham surgido em épocas anteriores. Atualmente, o grupo das angiospermas é o mais diversificado, ocorrendo em todos os tipos de ambientes. As gimnospermas encontram-se, principalmente, em regiões mais frias, formando grandes florestas no Hemisfério Norte.

Na Região dos Campos de Cima da Serra, as angiospermas predominam em número de espécies, ocorrendo em todos os tipos de vegetação. A diversidade de gimnospermas é bem menor, com apenas duas espécies: *Podocarpus lambertii* e *Araucaria angustifolia*. Esta destaca-se pela sua abundância, tornando-a o componente principal da fisionomia das florestas do Planalto das Araucárias.

Fungos

Eles são os únicos que conseguem decompor a madeira

A conhecida orelha-de-pau é um fungo do grupo dos **basidiomicetos**.

Suas estruturas reprodutivas apresentam o formato de orelha, originando seu nome popular, e possuem uma notável coloração alaranjada, sendo facilmente identificadas.

Ocorrem geralmente sobre troncos de árvores caídas no interior da mata. Atuam na decomposição da matéria orgânica, liberando nutrientes para o meio ambiente.

Os basidiomicetos são os únicos organismos da natureza capazes de degradar a madeira, constituindo-se em componentes essenciais das florestas por conseguirem disponibilizar essa matéria orgânica para outros organismos.

Nos Campos de Cima da Serra, ocorrem na Mata Nebular e na Mata com Araucária.

Orelha-de-pau



Hilda Longhi-Wagner

Nome científico: *Pycnoporus sanguineus*

Família: POLYPORACEAE

Altura: de 10 a 15 cm

Líquens

Associação de fungos e algas forma novas espécies

Barba-de-pau



Hilda Longhi-Wagner



Nome científico: *Usnea barbata*

Família: PARMELIACEAE

Altura: imprecisa

Usnea barbata é popularmente conhecida como barba-de-pau. Pertence ao grupo dos líquens, que resultam de uma **associação simbiótica** entre fungos e algas.

No líquen, as **estruturas reprodutivas** são formadas pelos fungos, e, no caso de *Usnea barbata*, são denominadas **apotécios**.

Essa espécie não é parasita, mas sim apresenta **hábito epifítico**. Na natureza, predominam os talos verde-esbranquiçados, **estruturas vegetativas** que se desenvolvem sobre outros vegetais, pendendo em direção ao solo. Tais características originam o nome popular barba-de-pau.

O mesmo nome também é dado a outra espécie, *Tillandsia usneoides*, que pertence a um grupo diverso. *Tillandsia usneoides* é uma angiosperma, planta formadora de flores, e faz parte da família das bromeliáceas.

Ela é muito comum nas matas dos Aparados da Serra, sobre os galhos de arvoretas da Mata Nebular, e também sobre o pinheiro-brasileiro. Sua presença serve como indicadora do alto grau de umidade do ambiente.

Briófitas

Sua presença indica solos com muita matéria orgânica

Sphagnum é um gênero de musgo de caule ereto com a capacidade de cobrir grandes extensões em banhados rasos, formando tapetes verdes. Produz camadas sobrepostas que podem atingir até um metro de altura. Suas estruturas reprodutivas têm cor avermelhada.

Essa espécie armazena grande quantidade de água nos seus tecidos. Sua ocorrência indica solos com grande acúmulo de matéria orgânica, composta geralmente por raízes, caules e folhas em decomposição.

De acordo com alguns autores, *Sphagnum* sp. é característico de **turfeiras** do Planalto das Araucárias, aparecendo no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná.

Musgo



Hilida Longhi-Wagner

Nome científico: *Sphagnum* sp.
Família: SPHAGNACEAE
Altura: até 10 cm

Pteridófitas

Espécie está ameaçada de extinção em todo o Brasil

Xaxim



Hilida Longhi-Wagner



Hilida Longhi-Wagner



Detalhe de uma fronde fértil, com esporângios.

Nome científico: *Dicksonia sellowiana*
Família: DICKSONIACEAE
Altura: de 2 a 6 m

O xaxim, ou samambaiuçu-imperial, pertence ao grupo das samambaias e possui hábito **arborescente**.

Como essa espécie não forma nem flores nem frutos, sua reprodução ocorre, em determinadas épocas do ano, por meio de **esporos** que se formam na face inferior das folhas, chamadas frondes. Outra maneira de reproduzir-se é por via vegetativa através do rebrote do cáudice, o “tronco”, principalmente em volta da planta-mãe.

Através do extrativismo exagerado, o xaxim foi por muito tempo livremente utilizado para a fabricação de vasos e suportes destinados ao plantio de espécies ornamentais. Essa atividade causou um declínio acentuado de suas populações.

Essa espécie consta da Lista de Espécies Vegetais Ameaçadas do Brasil e do Rio Grande do Sul. Atualmente, retirá-la da mata é proibido. Além disso, a comercialização do xaxim e seus artefatos também é ilegal.

Aparece isolada ou em grupos, exclusivamente na Mata com Araucária, captando a luz que perpassa pelo **dossel**.

As plantas adultas atingem em torno de 2 metros de altura, podendo chegar, menos comumente, até 6 metros.

Espécie pode ser tóxica para animais e seres humanos

A planta conhecida como samambaia-águia, ou samambaia-das-taperas, integra o grupo das samambaias, cujas espécies não formam nem flores nem frutos.

Nesse grupo, a propagação dos indivíduos dá-se por via vegetativa, os **rizomas**, e sua reprodução ocorre em determinadas épocas do ano, por meio de esporos que se formam na face inferior das folhas, chamadas de frondes.

Existem registros sobre a sua toxidez para o gado na Região Sul do Brasil, causando inclusive a morte de animais. Para os humanos, ela também é tóxica, segundo informações vindas de regiões do mundo onde, por hábitos culturais, os brotos novos da planta são consumidos em quantidade.

Ocorre em todos os continentes, possuindo distribuição cosmopolita.

Samambaia-das-taperas



Ilsi Iob Boldrini

Nome científico: *Pteridium aquilinum*

Família: DENNSTAEDTIACEAE

Altura: até 1 m

Gimnospermas

Árvore de menor porte acompanha a araucária

Pinheiro-bravo



Cláudio Augusto Mondin



Ilsi Iob Boldrini



Aqui aparece o detalhe das folhas

Nome científico: *Podocarpus lambertii*

Família: PODOCARPACEAE

Altura: de 6 a 15 m

A árvore chamada pinheiro-bravo é uma **gimnosperma**. Essa espécie pertence ao grupo de plantas nas quais as sementes são nuas, ou seja, não possuem a capacidade de formar frutos.

O pinheiro-bravo apresenta uma copa arredondada, semelhante a árvores como macieiras. Suas folhas são lineares, **coriáceas**, e não pungentes, isto é, seus ápices não espetam.

Essa é uma **espécie dióica**, desenvolvendo árvores masculinas e femininas. As primeiras formam pequenos **cones** masculinos e as segundas, cones femininos, cujas sementes não são comestíveis.

Essa espécie acompanha o pinheiro-brasileiro, ou pinheiro-do-paraná, sendo abundante na Mata com Araucária. O pinheiro-bravo apresenta porte mais baixo, podendo medir entre 6 e 15 metros.

Eventualmente, essa árvore tem sido usada como planta ornamental.

Sua distribuição geográfica inclui os estados brasileiros de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Araucária chama a atenção pela copa diferenciada

Pinheiro-brasileiro



Hilda Longhi-Wagner



Nome científico: *Araucaria angustifolia*
Família: ARAUCARIACEAE
Altura: até 35 m

O pinheiro-do-paraná é uma espécie de gimnosperma do grupo das coníferas, que abrange as plantas formadoras de cones. Apresenta folhas estreito-triangulares, agudas e pungentes. Sobressai-se do **dossel** da mata com sua copa caracteristicamente corimbiforme, ou seja, em forma de cálice.

O pinheiro-brasileiro é uma **espécie dióica**. Para produzir, sementes são necessárias duas árvores. Uma forma somente cones masculinos e outra, cones femininos ou pinhas, que portam os pinhões comestíveis, correspondentes às sementes.

Ao longo do tempo, as populações do pinheiro-do-paraná foram declinando devido à exploração de sua madeira, o que fez com que essa espécie fosse incluída na lista oficial das espécies brasileiras ameaçadas. A partir de então, sua comercialização é proibida.

Angiospermas

A açucena destaca-se pelo colorido das suas tépalas

Amarilis ou açucena é uma erva **bulbosa**, de folhas **rosuladas** e com **inflorescência** que sai do centro da planta.

Possui flores vistosas, com três peças externas e três internas semelhantes entre si, denominadas **tépalas**, por não existir diferenciação entre o cálice e a corola. Suas flores são extremamente ornamentais, dispostas em conjuntos no ápice do **pedúnculo**.

Amarilis



Lilian Eggers

Lilian Eggers



Nome científico: *Hippeastrum breviflorum*
Família: AMARYLLIDACEAE
Altura: até 1 m

A açucena ocorre em banhados.

Suas folhas apresentam o formato de estrela

O cairuçu-dos-pinhais é uma erva que se espalha pelo solo ou pode apoiar-se em plantas próximas. Nativa da América do Sul, principalmente Equador, Bolívia e Brasil, onde ocorre desde a Região Sul até os estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais.

Essa espécie desenvolve-se no estrato herbáceo no interior da mata, ou seja, na camada de vegetação mais próxima ao solo, como pode ser visto na foto, onde parece apoiada sobre galhos. Prefere áreas de solos úmidos.

Apresenta folhas de formato irregularmente estrelado, com **pecíolo** inserido no meio do **limbo**, chamadas folhas peltadas.

Cairuçu-dos-pinhais



Lilian Eggers

Nome científico: *Hydrocotyle quinqueloba*
 Família: APIACEAE
 Altura: até 30 cm

Ela tem a tradição de ser colhida na Sexta-feira Santa

A marcela, ou macela, é uma erva que vive somente um ano. Apresenta ramificações cobertas de **pilosidade** branca, o que lhe confere uma coloração acinzentada.

Essa espécie produz flores amarelo-douradas, que se desenvolvem em grupos, formando inflorescências.

Suas flores são utilizadas para a confecção de chás digestivos, dentre outros fins. Floresce abundantemente na época da Páscoa, quando tradicionalmente é colhida na Sexta-feira Santa para ser guardada e consumida durante o ano.

A marcela aparece, no Planalto das Araucárias, em ambientes de campos secos. Ela é nativa dos campos e áreas abertas do Sul e do Sudeste do Brasil.

Marcela



Rafael Trevisan

Nome científico: *Achyrocline satureioides*
 Família: ASTERACEAE (COMPOSITAE)
 Altura: até 1 m

Este arbusto só ocorre nos campos de altitude

A espécie arbustiva *Baccharis uncinella* é endêmica dos campos de altitude, não possuindo nome popular.

Apresenta sua copa arredondada e folhas miúdas discoloradas, ou seja, com coloração diferente nos dois lados da folha. A face superior é verde-brilhante e a inferior, esbranquiçada.

Essa espécie ocorre preferencialmente em locais não pastejados e também em beiras de estrada. Ela não é encontrada em campos pastejados.

O arbusto pode ser visto no campo de maneira espaçada ou formando agrupamentos densos do tipo capoeira.

Arbusto



Ilsi Iob Boldrini

Nome científico: *Baccharis uncinella*
 Família: ASTERACEAE (COMPOSITAE)
 Altura: até 1,8 m

Esta flor vive exclusivamente em banhados

Margarida-do-banhado



Lilian Eggers



Nome científico: *Senecio bonariensis*
Família: ASTERACEAE (COMPOSITAE)
Altura: até 2 m

Ela é uma erva **rizomatosa**, robusta, exclusiva de banhados, onde por vezes forma pequenos agrupamentos. Suas folhas são grandes, com até 35 cm de comprimento.

Como aparece no detalhe da foto abaixo, as flores se dispõem em **inflorescências do tipo capítulo**. As aparentes “pétalas” brancas são flores marginais e o “miolo” são flores centrais amarelas.



Hilda Longhi-Wagner

Duas espécies típicas dos campos secos

Maria-mole



Lilian Eggers



A maria-mole é uma planta arbustiva, comum em campos naturais, destacando-se pelas suas inflorescências amarelas. Suas flores são melíferas, atraindo abelhas e outros **polinizadores**. Essa planta é tóxica para o gado.

A petúnia é uma planta rasteira com potencial ornamental pelas suas flores vistosas, **tubulosas**, de coloração rosa forte, que se destacam na vegetação. Poderia também ser usada em cobertura de solos expostos, devido ao seu crescimento que se dá rente ao chão.

Petúnia



Hilda Longhi-Wagner

Nome científico: *Senecio brasiliensis*
Família: ASTERACEAE (COMPOSITAE)
Altura: até 1,5 m

Nome científico: *Petunia integrifolia*
Família: SOLANACEAE
Altura: até 10 cm

Planta rasteira comum nos campos secos

O cravo-do-campo é **endêmica** dos campos de altitude e relativamente comum na Região dos Campos de Cima da Serra.

Essa espécie salienta-se no campo pelas suas inflorescências em capítulos vistosos, que simulam uma flor. Na verdade, trata-se de um conjunto de flores em que as da margem têm aspecto de pétalas, sendo liguladas e amarelas. As centrais são tubulosas e castanhas, formando o chamado “miolo”.

Ela é comumente encontrada no ambiente de campos secos.

Cravo-do-campo



Rafael Trevisan

Nome científico: *Trichocline catharinensis*
 Família: ASTERACEAE (COMPOSITAE)
 Altura: até 20 cm

Ela ocorre nas áreas em fase de regeneração

Vassourão-preto



Ludwig Buckup



Nome científico: *Vernonia discolor*
 Família: ASTERACEAE (COMPOSITAE)
 Altura: até 20 m

O vassourão-preto é uma árvore pioneira em áreas em regeneração, com tronco de casca cinzenta e com fissuras longitudinais. Possui folhas discolores, com a face superior verde e a inferior, esbranquiçada.

Suas flores têm cor branca, reunidas em inflorescências densas, tornando a árvore vistosa em seu período de florescimento.



Ludwig Buckup

Arbusto espinhoso exclusivo da região dos pinhais

O popular são-joão é um arbusto exclusivo da região dos pinhais. A espécie habita as orlas de capões e de florestas pouco densas, principalmente em locais que apresentam solos úmidos.

O arbusto possui folhas reunidas em conjuntos chamados de **fascículos**, ou seja, as folhas saem de um mesmo ponto formando uma espécie de tufo.

O são-joão apresenta espinhos maiores que 1 cm de comprimento. Suas flores compõem inflorescências em cachos pendentes. Os frutos têm forma característica de jarro.

Essa espécie é originária do sul do Brasil, do Uruguai e da Argentina, sendo um dos elementos andinos mais representativos da flora regional dos Campos de Cima da Serra.

São-joão



Lilian Eggers

Nome científico: *Berberis laurina*
 Família: BERBERIDACEAE
 Altura: de 2 a 3 m

As flores amarelas aparecem antes das folhas

Árvore de médio a grande porte possui casca cinza e grossa, folhas compostas, **digitadas**, com 5 a 7 **folíolos** discolores, com a face superior verde e a inferior prateada.

As **folhas** são **caducas** no inverno e as flores se formam antes das novas folhas. As flores são vistosas, tubulosas, amarelas, tornando a planta muito ornamental. Seus frutos são secos, não comestíveis, com **sementes aladas**.

Paulo Brack



Nome científico: *Tabebuia alba*
Família: BIGNONIACEAE
Altura: de 20 a 30 m

Ipê-amarelo



Paulo Brack



Arbusto destaca-se pelas inflorescências brancas

Canudo-de-pito



Paulo Brack



Nome científico: *Escallonia bifida*
Família: ESCALLONIACEAE
Altura: de 2 a 3 m

O canudo-de-pito é um arbusto muito ramificado, de copa globosa e folhagem persistente, ou seja, com folhas perenes. Possui folhas simples, verde-escuras e brilhantes na face superior e mais claras na inferior.

Essa espécie apresenta flores brancas, com estames amarelos, compondo densas inflorescências muito vistosas no ápice dos ramos. Os frutos são secos, em forma de cápsulas globosas, com maturação no outono.



Paulo Brack

Detalhe das flores brancas, no alto dos ramos.

Aumenta a fertilidade do solo por fixar nitrogênio

Esta planta é relativamente comum nos campos, em especial nos solos pedregosos de beiras de estrada.

A cor carmim de suas flores destaca-se na vegetação. Essa espécie possui um grande potencial para ser utilizada como planta ornamental.

Assim como as demais leguminosas, ela desempenha o importante papel de incorporar nitrogênio ao solo.

Ilsi Iob Boldrini



Erva rasteira



Ilsi Iob Boldrini



Nome científico: *Galactia neesii*
 Família: FABACEAE (LEGUMINOSAE)
 Altura: até 20 cm

Esta espécie apresenta uma folhagem pegajosa

Babosa-do-campo



Lilian Eggers



Nome científico: *Adesmia ciliata*
 Família: FABACEAE (LEGUMINOSAE)
 Altura: de 20 a 40 cm

A babosa-do-campo é uma leguminosa de flores amarelas, que aparece rasteira nos campos ou apresenta folhagem pendente nos barrancos, como visto na foto ao lado.

As folhas dessa espécie possuem **glândulas**, o que a torna pegajosa ao toque.

Como outras plantas leguminosas, ela tem a capacidade de retirar o gás nitrogênio do ambiente e fixá-lo no solo, tornando esse nutriente disponível aos demais vegetais.

Lilian Eggers



Foto acima mostra a planta caída em um barranco, detalhe maior realça a delicada flor amarela.

Ela fixa-se em outras plantas por meio de gavinhas

Lathyrus paranensis é uma erva trepadeira que cresce se enroscando, por meio de gavinhas. Estas são modificações de folhas cuja finalidade principal é prender o caule em outros suportes.

Com frequência, ocorrem sobre touceiras do gravatá-gigante, em locais de campos úmidos e banhados.

Possui flores lilases bastante vistosas e, mais raramente, flores brancas.

Erva trepadeira



Ilisi Iob Boldrini



Lilian Eggers



Nome científico: *Lathyrus paranensis*
Família: FABACEAE (LEGUMINOSAE)
Altura: até 1,5 m

Espécie ocorre no solo pedregoso à beira de estradas

Arbusto



Rafael Trevisan



Nome científico: *Lupinus reitzii*
Família: FABACEAE (LEGUMINOSAE)
Altura: de 20 a 40 cm

Este arbusto é uma leguminosa encontrada em solos pedregosos, em barrancos na beira de estradas. As folhas digitadas, como os dedos da mão, são cobertas por longos pêlos esbranquiçados.

Os tons rosado a azulado de suas flores, como aparece no detalhe, dão um colorido extremamente ornamental às plantas. Essa espécie é fixadora de nitrogênio do ambiente no solo, aumentando sua fertilidade.

Ilisi Iob Boldrini



A partir da sua seiva é produzido o mel de melato

A espécie conhecida popularmente como bracinga forma árvores de copas fechadas. Apresenta densas inflorescências com pequenas flores amarelas, muito perfumadas e muito visitadas por abelhas.

Além do mel produzido a partir das flores, as abelhas produzem o “mel de melato”, proveniente de um líquido açucarado produzido por insetos **cochonilhas** que sugam a seiva das plantas de bracinga. Este mel não é tão apreciado quanto o mel produzido a partir das flores, porém tem alto teor nutritivo.

Pouco exigente quanto ao solo, essa árvore ocorre principalmente em matas secundárias, onde chega a formar povoamentos homogêneos, chamados bracingais. A presença desses agrupamentos indica que a mata encontra-se em regeneração, após ter sido alterada, geralmente pela retirada da araucária. Quando esta ressurge na mata, a bracinga tende a desaparecer.

Ela é nativa do Brasil, ocorrendo desde Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, caracterizando o Planalto das Araucárias e a Floresta Ombrófila Mista.

Bracinga



Hilda Longhi-Wagner



Hilda Longhi-Wagner

Nome científico: *Mimosa scabrella*

Família: FABACEAE (LEGUMINOSAE)

Altura: até 20 m

Leguminosa endêmica dos campos de altitude

Trevinho



Lillem Eggers



Nome científico: *Trifolium riograndense*

Família: FABACEAE (LEGUMINOSAE)

Altura: até 10 cm

O trevinho é uma leguminosa rasteira, endêmica dos campos de altitude, formando manchas sobre o solo. Suas folhas são compostas, **trifolioladas** e suas inflorescências, vermelhas vistosas.

Como as demais leguminosas, contribui para a fertilidade do solo. Apresenta potencial como forrageira para a pecuária.



Rafael Trevisan

Foto acima mostra detalhe da vistosa inflorescência rasteira que forma manchas coloridas no campo.

Espécie invasora tem sua origem na Europa

Tojo



Hilda Longhi-Wagner



O tojo é um arbusto originário da Europa, que no início crescia apenas em locais alterados e em beira de rodovias. Atualmente ocorre de forma natural no Rio Grande do Sul, tornando-se inclusive uma invasora bastante agressiva, até mesmo nas Unidades de Conservação dos Campos de Cima da Serra.

Essa espécie forma arbustos densos, de coloração verde-escura, fortemente espinhosos. Suas flores amarelas vistosas nascem entre os espinhos.

Nome científico: *Ulex europaeus*
Família: FABACEAE (LEGUMINOSAE)
Altura: até 2,5 m



Ludwig Buckup

Esta planta tem folhas que medem até dois metros

Urtigão



Ilsi Lob Bolátrini



Nome científico: *Gunnera manicata*
Família: GUNNERACEAE
Altura: até 1,5 m

O urtigão é uma planta típica que ocorre nos rochedos úmidos dos penhascos na Região, principalmente nos Aparados da Serra.

Apresenta **rizoma** de até 30 cm de diâmetro e folhas com pecíolo que pode atingir a espessura de um braço e chegar até 1 m de comprimento. Possui folhas grandes, em formato de rim, podendo apresentar até 2 m de diâmetro. Apresenta asperezas na face superior da folha e é espinescente na face inferior e nos pecíolos.

Destaca-se pela folhagem muito ornamental. Suas grandes e densas inflorescências são de pouco valor, constituídas por pequenas flores verdes formadas no verão.

Nativa do sul do Brasil, às vezes forma grandes agrupamentos nas encostas.

Flores cor-de-rosa e brancas aparecem na mesma árvore

Quaresmeira



Hilda Longhi-Wagner



Nome científico: *Tibouchina sellowiana*
 Família: MELASTOMATACEAE
 Altura: de 4 a 10 m

A quaresmeira é uma arvoreta muito comum na Mata Atlântica das encostas do Planalto e na transição entre esta e a Mata com Araucária.

Apresenta flores grandes e vistosas de cor rosa forte quando novas, passando a brancas quando velhas. Assim, na mesma planta, podem ser encontradas flores de cores diferentes, ou seja, em distintos estágios de maturação. Essa característica confere-lhe grande valor ornamental, fazendo com que suas copas de pequeno porte sobressaiam-se na mata.



Lilian Eggers

Espécie muito comum na Mata Atlântica.

Suas pétalas servem de alimento à avifauna

Essa arvoreta possui tronco curto, tortuoso e com casca descamante, sendo encontrada na borda da mata.

A goiabeira-serrana apresenta folhas de cor verde-escura na face superior e esbranquiçada na inferior. As flores têm estames vermelhos e pétalas carnosas, as quais, juntamente com os frutos, são consumidas pela avifauna e utilizados na alimentação humana. Seus frutos estão sendo, atualmente, comercializados em feiras e supermercados.

Ludwig Buckrup



Goiabeira-serrana



Raquel Lüttke



Nome científico: *Acca sellowiana*
 Família: MYRTACEAE
 Altura: até 5 m

O fruto possui considerável valor comercial.

Seus frutos são comestíveis e servem para geléias

A espécie conhecida como sete-capotes apresenta casca de coloração cinza-clara, descamante. Ela é **caducifolia**, com folhas simples, opostas, marcadamente rugosas.

Essa espécie apresenta flores brancas com **estames** numerosos e vistosos. Seus frutos constituem importante alimento para a fauna silvestre. Também são consumidos pelo homem, ao natural ou como geléias.

Prefere capoeiras e orla de matas, estando presente em diversos tipos florestais sul-riograndenses. Ocorre desde o Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro, até o Rio Grande do Sul e Corrientes, na Argentina.

Sete-capotes



Lilian Eggers

Nome científico: *Campomanesia guazumifolia*
Família: MYRTACEAE
Altura: até 15 m

Folha e fruta têm cheiro característico

Pitangueira



Ludwig Buckup



Nome científico: *Eugenia uniflora*
Família: MYRTACEAE
Altura: até 12 m

A pitangueira é uma árvore de tronco curto e tortuoso, com casca fina e descamante. Possui folhas muito aromáticas e flores solitárias, brancas, numerosas. Seu fruto é carnosos, vermelho a púrpura, com costelas evidentes. Eles servem de alimento para a avifauna e o ser humano.

Com base no conhecimento tradicional, a medicina popular emprega suas folhas em chás caseiros, para o tratamento de reumatismo, gota, hipertensão, diarreia e como antitérmico.

Ocorre na Argentina, no Uruguai e no Brasil, de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul.

A flor-símbolo do Rio Grande do Sul

O brinco-de-princesa está presente na Mata Nebular de encosta, onde pode ocorrer isoladamente como arbusto de até 1 m de altura ou como trepadeira sobre arvoretas na borda de mata. Aparece também nas encostas mais elevadas da Mata Atlântica.

Essa espécie apresenta flores vistosas de coloração carmim, pendentes como brincos. Elas são muito visitadas por beija-flores.

O brinco-de-princesa foi escolhido como a flor que melhor simboliza do Estado do Rio Grande do Sul.

Atualmente apresenta cultivos para sua comercialização em vasos ou mudas devido ao seu forte caráter ornamental.

Nativa de regiões de altitude do Brasil, destaca-se por apreciar climas frios e tolerar geadas.

Brinco-de-princesa



Lilian Eggers

Nome científico: *Fuchsia regia*
Família: ONAGRACEAE
Altura: trepadeira ou arbusto de até 1 m

Orquídea vermelha destaca-se no verde da mata

Esta orquídea é uma planta epifítica, ou seja, vive sobre outra planta. Ela é encontrada geralmente sobre árvores em locais com altitudes superiores a 700 m.

Necessita de muita umidade para se desenvolver. Apresenta **pseudobulbo** e flores vistosas vermelhas, muito ornamentais.

Esta espécie tem sido utilizada na criação de uma série de híbridos, por meio de cruzamentos com espécies nativas relacionadas de outros gêneros de orquídeas.

Sua distribuição geográfica vai desde as encostas da Mata Atlântica até as Matas Nebulares do Planalto.

Orquídea



Hilda Longhi-Wagner

Nome científico: *Sophronitis coccinea*

Família: ORCHIDACEAE

Altura: aproximadamente 15 cm

A gramínea nativa mais abundante na Região

Capim-caninha



Ilsi Job Boldrini



Nome científico: *Andropogon lateralis*

Família: POACEAE (GRAMINEAE)

Altura: até 1,5 m

O capim-caninha é uma **gramínea** ereta, com folhas discoloras, acinzentadas na face superior e esverdeadas na face inferior. Seu nome deve-se à presença de nós e entrenós bem visíveis nos caules.

Essa espécie predomina nos Campos de Cima da Serra. Ela é considerada boa para o pastejo quando jovem e até atingir em torno de 10 cm de altura. Em locais protegidos de pastejo, como em beiras de estrada, forma grandes touceiras. Quando velha, apresenta aspecto de palha seca, conferindo uma coloração alaranjada aos campos desde o outono até o início da primavera.

Espécie cresce nos campos com bastante umidade

Esta espécie de gramínea ereta forma touceiras menos densas que o capim-caninha.

Pode ser facilmente reconhecida pelas suas inflorescências plumosas brancas, que são levadas pelo vento, quando maduras.

Ela é comum nos campos de maiores altitudes, onde a umidade no solo é alta.

Capim



Ilsi Job Boldrini



Lilian Eggers

Nome científico: *Andropogon macrothrix*

Família: POACEAE (GRAMINEAE)

Altura: até 80 cm

Seu penacho é característico de beira de estradas

Capim-penacho



Hilda Longhi-Wagner



Nome científico: *Cortaderia selloana*
Família: POACEAE (GRAMINEAE)
Altura: até 1,8 m

Gramínea ereta que forma grandes touceiras em beiras de estrada e em encostas rochosas. Apresenta folhas longas, lineares e muito cortantes. Suas inflorescências são muito vistosas, plumosas, de coloração rosada quando jovens e esbranquiçadas quando velhas.

As inflorescências servem para arranjos de interiores, podendo ser tingidas de diferentes cores. As plantas são também utilizadas em paisagismo, pelo porte de suas touceiras e pelo aspecto plumoso de suas inflorescências.

Originária da região do rio da Prata, Argentina, ela é muito comum nas encostas das serras da Região Sul do Brasil.

Taquara floresce uma única vez e morre em seguida

Esta espécie de bambu ou taquara é uma planta lenhosa, de porte ereto. Possui colmos divididos em nós e entrenós maciços, tornando difícil o corte dos mesmos.

Ocorre geralmente na beira de mata, de cursos d'água ou de penhascos dos Aparados da Serra. As plantas desenvolvem-se vegetativamente durante cerca de vinte anos, florescem uma só vez e em seguida morrem. Da mesma forma que outros bambus lenhosos, seu florescimento coincide com as "ratadas", ou seja, com uma proliferação de ratos que se alimentam de seus frutos.

Sua folhagem, às vezes, é utilizada pelo gado como alimento.

Bambu



Hilda Longhi-Wagner

Nome científico: *Chusquea mimosa*
Família: POACEAE (GRAMINEAE)
Altura: até 5 m

Um dos principais componentes das pastagens nativas

Capim-mimoso



Hilda Longhi-Wagner



Nome científico: *Schizachyrium tenerum*
Família: POACEAE (GRAMINEAE)
Altura: de 20 a 50 cm

Gramínea perene que atravessa o inverno em período de repouso e rebrota intensamente a partir da primavera. Desenvolve a folhagem e as inflorescências desde o verão até o início do outono.

Suas plantas são inicialmente **cespitosas** e eretas, logo alongando seus caules que se deitam sobre a vegetação circundante, muitas vezes bastante emaranhados. Suas inflorescências são pouco chamativas, porém, em conjunto com a folhagem, formam vistosas manchas cor-de-vinho nos campos.

Ela é uma gramínea pouco fibrosa e muito apetecida pelo gado. Constitui-se em uma das principais componentes das pastagens naturais do Planalto das Araucárias.

O seu fruto prende-se aos pêlos dos animais

Flechilha

Ilisi Lob Boldrini



Hilda Longhi-Wagner

Esta espécie de gramínea é facilmente reconhecida na época do florescimento e da frutificação, que ocorrem na primavera e início do verão (ver foto menor).

A estrutura reprodutiva, que contém o fruto, apresenta cor castanho-escuro e brilhante, com uma longa **arista** e com uma base pontiaguda, pilosa e pungente (foto maior). Esta estrutura se prende nos pêlos dos animais, facilitando a dispersão do fruto. Além disto, com a variação da umidade do ar, essa arista pode se torcer, auxiliando o fruto a enterrar-se no solo.

Nome científico: *Stipa melanosperma*
 Família: POACEAE (GRAMINEAE)
 Altura: até 70 cm

Elas ocupam grandes espaços no interior das matas

Espécie lenhosa, de grande porte, ereta, apresenta **colmos** divididos em nós e entrenós ocios. Desenvolve-se vegetativamente durante muitos anos e suas densas populações ocupam grandes espaços no interior das matas. Essa taquara floresce uma única vez, em intervalos de cerca de trinta anos. Após o florescimento, as plantas morrem, formando clareiras na mata e abrindo espaço para a instalação de outras espécies.

O florescimento, assim como o de outros bambus, coincide com a proliferação de ratos, as “ratadas”. Esses roedores se alimentam dos frutos da taquara, formados em grande quantidade. Muitas vezes, após esgotados esses frutos, os ratos passam a atacar plantações vizinhas, causando problemas aos produtores.

Taquara



Hilda Longhi-Wagner

Nome científico: *Merostachys multiramea*
 Família: POACEAE (GRAMINEAE)
 Altura: de 10 a 12 m

Hilda Longhi-Wagner



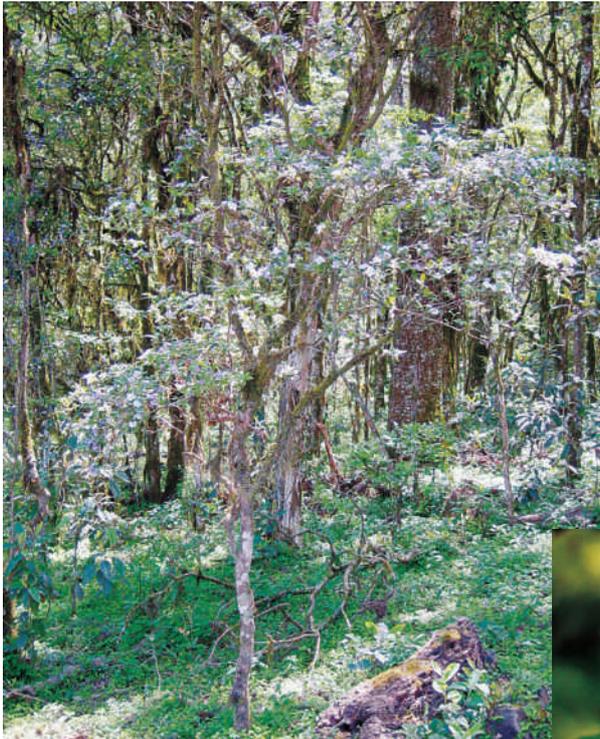
Detalhe das inflorescências.

Arbusto vistoso com flores muito perfumadas

Manacá



Lilian Eggers



Nome científico: *Brunfelsia cuneifolia*
Família: SOLANACEAE
Altura: 2 a 3 m



Lilian Eggers

O manacá, ou primavera, é um arbusto muito ramificado, componente do sub-bosque da mata. Ele pode ser encontrado somente na Floresta Ombrófila Mista.

Muito vistoso durante sua floração, exibe flores perfumadas e coloridas que ocorrem na extremidade dos ramos. As flores apresentam coloração de roxo a branco, dependendo do estágio de desenvolvimento das mesmas. Elas são azul-violeta ao abrir e depois tornam-se brancas. O conjunto de flores torna essa planta extremamente ornamental.

Essa espécie é nativa do Brasil, ocorrendo em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No detalhe das flores de diferentes tonalidades, as estruturas reprodutivas são pouco visíveis.

Ela forma manchas sobre solos pedregosos

Planta rasteira



Ilisi Job Boldrini



Nome científico: *Glandularia catharinae*
Família: VERBENACEAE
Altura: até 10 cm

Glandularia cf. pulchella é uma planta rasteira com folhas de pecíolo curto e profundamente recortadas.

Possui flores lilases, concentradas em inflorescências, as quais lhe conferem um aspecto muito ornamental.

Essa planta cresce espalhando-se sobre o solo. *Glandularia cf. pulchella* comumente forma manchas densas sobre solos rasos e pedregosos, que aparecem especialmente em beira de estradas.

Tal espécie é tipicamente sul-americana, ocorrendo no Sul do Brasil, no Uruguai e nas regiões central e oriental da Argentina.

A foto ao lado comprova o grande potencial ornamental dessa planta.

Nome popular cita o mamífero que busca sua casca

Casca-de-anta



Jair Gilberto Kray



A espécie conhecida como casca-de-anta, cataia ou paratudo é um arbusto ou arvoreta característico em capões nos Campos de Cima da Serra e em sub-bosques dos pinhais.

Apresenta folhas de coloração verde-escura, lustrosa e brilhante na face superior e cinza-claro na face inferior.

A casca aromática é utilizada medicinalmente como estomáquica, antiescorbútica, anti-diarréica e tônica.

O nome provém do dito popular de que a anta, *Tapirus americanus*, recorre à casca desta árvore quando doente. Os frutos são consumidos pela fauna.



Jair Gilberto Kray

Nome científico: *Drimys brasiliensis*
 Família: WINTERACEAE
 Altura: até 15 m



Georgina Bond-Buckup

Mata com Araucária na qual aparecem as espécies identificadas com o ícone respectivo.